

Le Pen e Chavez, fascismo e golpes na América Latina. Uma volta ao passado?

JOÃO FÁBIO BERTONHA*

Os acontecimentos nas últimas semanas têm me feito pensar seriamente que estou vendo uma série de documentários do passado. Na França, um partido de extrema direita, a *Frente Nacional* de Jean Marie Le Pen, consegue ir para o segundo turno da eleição presidencial, derrotando o candidato socialista, Lionel Jospin. Na Venezuela, um presidente populista, Hugo Chavez, é derrubado do poder por uma ação militar e, apesar de ele ter sido reempossado, parecia um típico golpe de Estado latino-americano dos anos 1970. Será possível que estamos voltando ao passado? Apesar das aparências, quero acreditar que não.

Começamos analisando o problema europeu. Os acontecimentos na França, apesar de algumas especificidades, estão seguindo o mesmo padrão da Áustria e da Itália, para mencionar apenas alguns exemplos. Nestes países, partidos políticos declaradamente racistas e com nostalgia do nazismo ou do fascismo chegaram, em coalizão com conservadores de direita (os da *Forza Italia* de Silvio Berlusconi e o *Partido Popular* de Wolfgang Schuessel), ao poder, causando escândalo internacional.

A maioria da população austríaca e italiana com certeza não parece desejar a volta do nazismo e nem a entronização de Jorg Haider ou de Gianfranco Fini (líderes fascistas

austríaco e italiano, respectivamente) como os novos Hitler e Mussolini. Ainda assim, a votação deles nas últimas eleições não foi inexpressiva e merece algum tipo de explicação.

O primeiro elemento a ser levado em consideração é que, apesar da riqueza e da prosperidade, os europeus vivem hoje certo clima de insegurança causado pelo desemprego e por uma crise de identidade causada pelo processo de globalização e pela contínua erosão das nacionalidades dentro da União Europeia. A perspectiva, além disso, real ou imaginária, de milhões de imigrantes nas fronteiras a espera de um passo em falso para invadir o continente, deixa os europeus, em linhas gerais, assustados e com a sensação de serem uma fortaleza sitiada.

Nesse contexto, a extrema direita vem conseguindo espaço através da bandeira da recuperação das soberanias nacionais ameaçadas pela União Europeia, da repressão à imigração e aos imigrantes (vistos como inferiores, ameaçadores e culpados de todos os problemas dos europeus) e da crítica aos políticos tradicionais. Apesar das especificidades locais, os exemplos francês, italiano e austríaco se encaixam nesse padrão. Em todos esses países, além disso, os neofascistas se apresentaram como alternativa a sistemas políticos fossilizado e não há dúvida de que essa

aura de novo ajudou em muito a sua popularidade.

A experiência de Haider ou Le Pen, na verdade, mostra um pouco como é o fascismo dos anos 1990. Não mais se baseando na pequena burguesia como nos anos 1930, mas num operariado apavorado com a falta de perspectivas e com a potencial concorrência dos imigrantes; usando com habilidade os meios de comunicação na defesa da nação e da tradição e na mobilização demagógica da crise e da insegurança. Eis o fascismo reciclado. O que diferencia a França de outros países é que a direita conservadora, de Chirac, disputa o poder com a extrema direita e não vai, portanto, aliar-se a ela. Já os políticos da direita conservadora da Itália e da Áustria não hesitaram em incorporá-la ao governo para a manutenção de seu poder. Especificidades locais, que não mudam o quadro geral.

No entanto, seria um erro supor que a Europa caminha de forma acelerada para o fascismo e esse neofascismo tem mais a ver, talvez, com o mundo da democracia moderna do que com os velhos fascismos dos anos 1930. De fato, apesar das semelhanças ideológicas, a ascensão de Berlusconi e seus aliados tem mais a ver com o poder da mídia na sociedade contemporânea do que com uma herança fascista

onipresente na Itália, enquanto a derrota de Jospin se deveu mais à abstenção dos eleitores de esquerda (derivada, por sua vez, de fenômenos típicos do mundo atual, como o desinteresse pela política e a perda dos referenciais ideológicos dos partidos, que acabam ficando todos iguais e desestimulam os eleitores) do que a um substancial aumento dos votos de extrema direita.

O mesmo pode ser dito da situação da Venezuela. Chavez é um populista típico e a tentativa de removê-lo do poder pela força indica que a solução militar ainda ronda a cabeça da direita latino-americana. Tanto que me espantou a levíssima condenação ao golpe, por exemplo, na imprensa brasileira. No entanto, o seu próprio fracasso indica como as coisas mudaram e que não se pode mais pensar, apesar do crescente descrédito com a democracia na América Latina, em golpes de Estado como nos anos 1970.

Ou seja, o mundo mudou muito nas últimas décadas e nem tudo é o que parece ser. Isso não quer dizer, claro, que os riscos da volta do fascismo e de ditaduras militares latino-americanas sejam nulos, mas sou otimista a ponto de achar que eles são pequenos. Garantir isso, contudo, é tarefa da sociedade civil e de todos os democratas.



* **JOÃO FÁBIO BERTONHA** é Doutor em História (Unicamp) e docente na Universidade Estadual de Maringá (UEM).